



O PROCESSO DE ESCRITA COMO BASE À REFLEXÃO SOBRE A PRÁXIS EDUCATIVA: UMA PROPOSTA NO GT EJA

LINCK, Ieda Márcia Donati;¹ NICOLODI, Graciele.²

Resumo: Neste texto, é reafirmada a importância da escrita para a legitimação e reflexão de práticas escolares. Temos por base uma prática desenvolvida como assessores do Grupo de Trabalho em Educação de Jovens e Adultos, do Programa Interinstitucional de Formação Continuada dos Trabalhadores em Educação da Região Macromissioneira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, em 2014. Descrever sobre práticas, experiências, dificuldades e novas possibilidades no ensino na EJA é uma das propostas do programa que tem como foco a formação de trabalhadores em educação, compreendendo que a prática educativa requer relação teoria-prática, pesquisa-ação, interdisciplinaridade, avaliação emancipatória, entre outros. Defendemos que o ser humano se diferencia pela fala, mas se legitima pela escrita. Então, nosso objetivo principal foi oportunizar situações para que os professores participantes do GT EJA escrevessem. Para tanto, solicitamos que respondessem os seguintes questionamentos: Por que sou professor na EJA? Qual a linha teórica que norteia o meu trabalho? Quais os conceitos fundantes para a EJA? Qual a relação entre os conteúdos trabalhados, os objetivos propostos e a avaliação presentes em meu planejamento? Como seria a vida do meu aluno sem mim? Pelas incertezas existentes, mostramos a necessidade de estudarmos mais. Então, apresentamos o suporte teórico sobre os conceitos fundantes, que norteiam esta modalidade de ensino. Após as leituras feitas, os colegas participantes sobre a (não)relação entre aquilo que fazem, com o que acreditam fazer. Felizmente, a maioria dos entendeu a necessidade da formação continuada oferecida, até por que teria sido questionada quando implantada. Assim, propomos grupos de estudo para aprofundarmos nosso conhecimento a respeito. Em todos eles fizemos anotações, fichamentos e resenhas dos teóricos lidos. Conseguimos mostrar que a materialidade textual revela o sujeito, e que isso pode conduzi-lo à reflexão sobre si mesmo. Muitas vezes, o medo de desvelar-se no/pelo texto, a baixa-estima, a ideia de não corresponder às expectativas do solicitante, as dificuldades de ordem linguística, traumas infantis, entre outros são motivos que afastam o sujeito da escrita. Escrever é um processo e cada ser tem um percurso diferente que deve ser respeitado. Conforme colocado, sugerimos uma escrita simples, pessoal, com proposta reflexiva, para depois falar em texto a ser publicado. Os professores entenderam e escreveram. Depois da primeira leitura começamos a questionar, a inferir significados. As mudanças foram ocorrendo conforme previsto, pois no primeiro encontro, em relato oral, os professores tinham convicção de que a forma que faziam era perfeita, inquestionável, a única possível. Depois da segunda revisão textual, com base nas discussões ocorridas nos GTs, a pesquisa feita, leitura e releitura de textos sobre ensino na EJA, começamos e repensar questões pertinentes sobre o ensino. Vale ressaltar que isso não perpassou pelo erro, mas pelo possível de ser redimensionado. Acreditamos que, entre escritas e reescritas (em alguns casos mais de dez), os professores participantes do GT EJA podem afirmar, mesmo que em parte, que linha teórica sustenta o seu fazer.

Palavras-chave: Formação continuada. Teoria-prática. Materialidade. Mudança.

¹ Professora Assessora do GT EJA. Doutoranda em Linguística pela Universidade de Santa Maria. Mestre em Educação/Uninorte. Mestre em Linguística/UPF. Docente da Universidade de Cruz Alta. Membro do Grupo de Pesquisa Jurídica em Cidadania, Democracia e Direitos Humanos E-mail: imdlinck@gmail.com

² Coordenadora Pedagógica da EJA da 9ª CRE. Graduada em Ciências Físicas e Biológicas/ habilitação em Biologia Licenciatura Plena pela Unicruz. Especialista em Biologia da Conservação e Tecnologias Ambientais/Unicruz. E-mail:graciele-oliveira@seduc.rs.gov.br